







§

# ESTRANHO CASO MONCHMOORE

ANTÓNIO TOMÁS

**Título Original:** O Estranho Caso Monchmoore  
**Autor:** António Tomás  
Copyright © Editora Nova Geração & António Tomás

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto  
**Edição:** Tânia Roberto  
**Revisão:** Rita Félix e Ana Domingues  
**Paginação:** Tânia Roberto  
**Capa:** Alexandra Santos  
**1ª Edição:** julho de 2026  
**Acabamento/Impressão:** NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 978-989-3625-28-6

editora  
**nova  
ger**



Para os meus pais, que tornaram tudo isto possível.



## Nota de Autor

Devo confessar que sempre gostei de mistérios. Desde pequeno para dizer a verdade. E não escondo o quanto me senti entusiasmado quando surgiu a ideia de escrever algo tão estranho quanto o caso Monchmoore. Não pelo crime em si, que, apesar de absurdo, se resume a dez pessoas reunidas numa mansão onde uma delas aparece carbonizada, mas pela resolução do caso, que me parece, de longe, satisfatória. A mais satisfatória!

De todo o modo, terminado o rascunho, e finalmente desapegado do deslumbre de acreditar que até escrevi algo minimamente criativo, percebi que havia muito mais do que um mistério a ser resolvido. Ao olhar para o protagonista e narrador que surgiu, posso dizer que ainda que não concorde com as escolhas que tomou, considero-o notável. Muito notável! E agora, face a isto, talvez me perguntem: mas quem é que ele é? O que é que ele fez de tão extraordinário para ser digno de nota? Quanto a isto, acho que terão de descobrir ao se aventurarem pelas páginas deste livro. Reconheço, contudo, que muitos não encontrarão motivo para o considerar extraordinário. Ainda assim, defendo-me: ele é extraordinário aos meus olhos. Por isso, escutem-no, mas escutem-no com cuidado. Talvez assim, com um pouco de sorte, também o considerem notável.

## Avisos de Gatilho

Determinismo biológico  
Existencialismo  
Absurdo



## Personagens

**Miguel** – O médico protagonista

**Sara Monchmoore** – A tia do protagonista, casada com Daniel Monchmoore

**Daniel Monchmoore** – Herdeiro da família Monchmoore

**Paulo Monchmoore** – Irmão do Herdeiro da família Monchmoore

**Ana Monchmoore** – Esposa de Paulo Monchmoore

**Catherine** – A criada

**Richard** – O criado

**Alexandre Monchmoore** – O filho adotado dos Monchmoore

**Mafalda** – A ex-noiva de Alexandre Monchmoore

**Eduardo** – O detetive de férias, amigo do protagonista.

**E um destes dez, numa noite de tempestade, cometeu um crime.**





## Capítulo 1

**DIZ-SE** por aí, algures, entre cochichos e livros antigos, que o amor é a maior das virtudes. Provavelmente, o único capaz de mudar o mundo, o que trouxe a crucificação do primeiro, e último, verdadeiro cristão. Mas seria o amor, de facto, tudo isso? Ou seria apenas o que eu chamo de amor uma leve distorção do que essa virtude realmente significa?

Naquela noite, o vento frio carregava os júbilos surdos para longe. E na estrada, sob a ominosa treva de uma madrugada recém-nascida, dois carros grandes transportavam um grupo de rebeldes. Um deles, porém, ferido no abdómen, conseguiu fugir e entrar no acampamento de refugiados.

Perante isto, eu não tinha como ficar indiferente.

— E agora?

— Agora colocamo-lo aqui.

E com algum esforço, sentámos o corpo do homem carregado ao colo na mesa do consultório. Deitámo-lo ao comprido e levantámos-lhe a camisola. O abdómen estava encharcado. O sangue subia-lhe pelas feridas e molhava-o a ponto de verter para cima da mesa.

— Vamos precisar de compressas — disse com voz baixa, forçando o homem a manter-se deitado. — Consegues trazer-mas?

Calcei as luvas que trazia no bolso. Depois, limpei o sangue com a mão e comecei a aplicar pressão na parede abdominal do ferido.

— São três as feridas — observei, perscrutando os golpes. — Provavelmente causadas por uma navalha.

— Profundas?

Olhei para a enfermeira. Ela estava de costas, a vasculhar os armários à entrada.

— Pelo menos a do quadrante direito — respondi. — Parece chegar ao fígado.

— Mas há sinais de peritonite?

— Mais do que eu gostaria.

— E isso significa...

— Que vamos ter de abrir o abdómen. Consegues trazer os *kits* de cirurgia?

A enfermeira Maria trouxe as compressas e os *kits* para cima da mesa. Ela estava nervosa. As mãos tremiam-lhe, e o suor escorria-lhe pela testa.

— E a anestesia? — perguntei, vasculhando as compressas e os *kits*.  
— Onde é que está a anestesia?

— Não há anestesia — redarguiu, sacudindo a cabeça. — Era para ter chegado ontem. Alguém a deve ter roubado no porto.

Levantei os olhos na direção da enfermeira, estupefacto. Não podia, sinceramente, esperar uma resposta pior.

— Doutor. — Ouvei o homem falar. Ele cravava-me as unhas no braço e fazia algum esforço para se conseguir levantar. — É mesmo isto que quer? — perguntou com alguma dificuldade, tossindo. — Salvar aquilo que destrói tudo o que defende?

— Acho que não é hora para uma discussão dessas — respondi, forçando-o a permanecer deitado. — Vou precisar de abrir a sua barriga e não tenho anestesia para isso. Está preparado?

Apesar da dor, o homem insistiu:

— Talvez estejamos condenados a lutar por mundos que nunca existirão. — Voltou a tossir. — Mas não o agradeço, se é isso que procura. — Tentou rir, rouco. — Um homem que salva os próprios inimigos. Será que algo bom pode nascer disso?

— Parece que há aqui um mal-entendido. — Procurei-lhe a pulsação no pescoço. — Nós não somos iguais, de forma alguma. E eu não luto por qualquer tipo de mundo. Eu luto pela sua vida, que é única, e que nunca mais voltará a existir caso não o salve. — Então, voltei-me para a enfermeira. — Vamos precisar de cordas para o imobilizar. Também vamos precisar de sangue.

— Mas pretendes amarrá-lo?

— Pretendo salvar-lhe a vida. Não é isso que importa?

A enfermeira Maria, em silêncio, recuou na direção dos armários. Eu comecei a abrir os *kits* para iniciar a cirurgia. Seria ele corajoso o suficiente para continuar a viver?

Já terminada a cirurgia, com as mãos ensopadas de sangue e o suor a escorrer pela testa, além das compressas contadas e os bisturis espalhados pela mesa, afastei-me um pouco na direção da porta. A aurora voltava a ser parida. E junto dela, o silêncio. O ferido acabava de adormecer, vencido pelo esforço. A enfermeira, ainda prostrada sobre ele, verificava os sinais vitais e usava um dos bisturis livres para cortar as cordas usadas para o amarrar.

Assim, mais descansado, arranquei as luvas, atirei-as para o caixote do lixo e aproximei-me da bancada com lavatório à direita, onde comecei a lavar as mãos. O fresco da água percorreu-me os dedos e fez todo o vermelho desaparecer. Cansado, também lavei o rosto. Então, ao erguer os olhos para o espelho pendurado um pouco acima, vi-me refletido nele: um rapaz cansado, mais magro do que o costume, de olhos azuis e cabelos muito negros, aparados, mas compridos, à altura das sobrancelhas. E era isto. Apenas isto. Um rapaz completamente normal. Sem diferença alguma de tantos outros.

— Achas que sobrevive?

— Acho que fizemos a nossa parte — respondi, olhando para a enfermeira através do espelho.

— Uma parte que não nos competia, sabes?

Demorei a pensar. A enfermeira arrancava-lhe o cateter do braço.

— De qualquer forma, devíamos mudá-lo de sítio — observei, voltando-me. — Não quero arranjar problemas. Além disso... — Consultei o telemóvel. — É domingo, não deve faltar muito para os miúdos chegarem.

— Quanto aos miúdos, tenho más notícias.

— Então?

Nós aproximámo-nos do ferido e começámos a transportá-lo para o quarto dos arrumos. A ala dos internados, constatámos, não era uma boa opção.

— As vacinas do sarampo... Elas contam-se pelos dedos.

— Mas eu não disse que vacinámos menos de um quinto das crianças?

— E achas que alguém quer saber disso?

Franzimos a testa com o cheiro das lixívias e dos outros produtos de limpeza que estavam no quarto dos arrumos enquanto sentávamos o corpo do ferido no chão, contra a parede. Não era o ideal, sabíamos, mas era o melhor que tínhamos. Fechámos a porta e aproximámo-nos da mesa, prontos para a limpar.

Nisto, ao terminarmos de despejar os caixotes do lixo, começámos a ouvir um tumulto de passos.

— Miguel! Miguel! Estás aí, Miguel?

Então, ao olharmos para a entrada, fomos surpreendidos por um grupo de doze miúdos que acabavam de entrar no consultório a cantar, muito vermelhos por causa da correria, com os corpos e os olhos cheios de vida. Zyan, o mais velho, pedia silêncio com o dedo indicador, mas igualmente animado e vermelho por culpa da folia que ali o levava. O rapaz vestia uma manga-cava branca e uns calções gastos pelo uso. Ao coçar o braço, muito tímido, aproximou-se de mim e disse:

— Estivemos com os soldados. Eles disseram que as vacinas já chegaram... Vieram muitas?

— Vieram as suficientes — respondi, sorrindo, afastando também o caixote do lixo para o canto. — Mas porquê? — perguntei. — Estão com medo de que eu deixe alguém por vacinar?

— Ah, não. Nada disso. Nós confiamos em ti, não confiamos?

Passei a mão pelo cabelo crespo do Zyan. Ele sorriu, muito feliz.

— E então? — perguntei. — Ao que é que vieram? Não é muito cedo para um domingo? — E olhei para as crianças por cima do ombro de Zyan com um sorriso. Elas estavam com cara de caso, como se prontas a falar de algo específico. — Aconteceu alguma coisa?

— Nada demais — respondeu Zyan, tentando furar o chão com a ponta do pé direito. — Elas só queriam ouvir a tua história... Aquela lá da mansão Monchmoore em Portugal.

— Sim — interveio Yahya, um menino franzino que fungava do nariz. Ele dava um passo para a frente, muito corajoso. — Ouvimos dizer que se trata de um caso muito misterioso.

— Um caso muito misterioso? — Ri.

— Pelo menos, todos dizem que levaste um tiro no braço.

— E que foste drogado.

— Outros falam de detetives.

— Havia mulheres a investigar?

— A droga sabia mal como o khat?

E, como seria de esperar, as perguntas inundaram o consultório. As crianças falavam umas por cima das outras sem me deixar espaço para responder. Assim, para as conter, levantei as mãos e comecei a pedir-lhes que se acalmassem. Já a enfermeira Maria, muito divertida, arrastou uma cadeira e sentou-se. Ela adorava ouvir as crianças.

— E tu, Zyan? — perguntei. — Já não ouviste a história Monchmoore uma dezena de vezes?

— Pelo menos, as partes principais.

— Então, ao que é que vens? Estás aborrecido?

— Eu vim proteger-te.

— Proteger-me? — Sorri.

— Sim. De verdade mesmo! Eu não sei se sabes, mas os soldados andam a dizer que um rebelde conseguiu fugir durante a noite. E que, apesar de ferido, conseguiu entrar no acampamento. Pelo sim, pelo não, vim ter contigo. Sei que tens um péssimo instinto quando se trata de inimigos. Dizem por aí, aliás, que qualquer dia passas a ajudá-los.

E dito isto, Zyan enfiou as mãos nos bolsos dos calções. Engoli em seco. Já as outras crianças, cansadas de esperar, começaram a pedir muito para eu contar a história.

— Muito bem! — disse, pedindo-lhes para se sentarem num semicírculo à minha frente. — Eu vou contar a história dos Monchmoore! Preparados?

As crianças confirmaram em unísono.

— Mas antes... — ponderei, olhando para a enfermeira Maria. Ela continuava em silêncio, a observar-nos com um sorriso estampado no rosto. — Eu preciso de fazer uma pergunta. O que é que sabem sobre os Monchmoore?

— Sabemos que se trata de uma família — respondeu Yahya.

— Isso, Yahya. Uma família ligada a mim pelo lado materno.

— E também sabemos que tudo começou quando dez pessoas se juntaram para jantar.

— O pior dos jantares, acreditam?

— Mas a comida sabia mal?

— Não. — Ri. — A comida era muito boa.

— Como era o teu amigo detetive? Tu encontraste-o num antiquário, não foi?

Por esta altura, Zyan, que detestava ficar quieto, aproximava-se do quarto dos arrumos. E ao chegar, curioso, agarrou o puxador e abriu a porta, ficando de frente para o rebelde ferido, ainda a dormir.

Nós calámo-nos.

Ele, por sua vez, pálido, fechou a porta, tal como se nunca a tivesse aberto, e olhou para as outras crianças que, boquiabertas, preferiram ficar caladas.

— Isto é verdade? — perguntou por fim. — Isto é mesmo verdade?  
— Tornou a perguntar, levantando a voz. — Mas agora tu também tratas dos nossos inimigos? Já não basta tolerá-los? Defendê-los quando entram nas nossas próprias casas e não nos deixam ser quem queremos ser?

— Eu acho que há aqui um mal-entendido.

— Um mal-entendido, Miguel? — disse com as lágrimas nos olhos.  
— Como assim um mal-entendido?

— Ele precisava de ajuda!

— Pessoas como ele não precisam de ajuda.

— E isso seria moralmente correto?

— Moralmente correto? — Quase riu. — É mesmo isso que estás a dizer?

— É. É mesmo isso, Zyan. Acertaste! — Engrossei a voz. — Ou tu achas, por acaso, que tens algo melhor a dizer? O que é que tu achas, afinal, que eu vi quando o coloquei ali naquela mesa, a lutar pela vida, e lhe abri a barriga? — Fixei os olhos no rosto dele. — Achas que vi um rim a menos? Um estômago diferente do teu? Um intelecto inferior? Uma penalidade divina? — Sacudi a cabeça e abrandei o tom. — Será que é assim, Zyan, ao inventarmos diferenças, que vamos acabar com as guerras? Será que ainda não tivemos tempo para perceber que a morte é o fim de tudo? E que por isso, ela está acima de qualquer argumento?

O silêncio instalou-se. Zyan virou o rosto e começou a apertar o tecido dos calções. Eu também virei o meu, para a janela alumiada pelo sol quente que nascia no horizonte. Nisto, sem nada que o previsse, a meio do silêncio, uma dúzia de passos fez-se ouvir perto da entrada. Eram dois soldados que acabavam de entrar.

— Ouvimos uns gritos por aqui — disseram, olhando para as crianças.  
— Está tudo bem?

Eu olhei para Zyan. Ele baixava a cabeça e enxugava as lágrimas.

Depois olhei para as crianças, pálidas, ainda sentadas em semicírculo.

— Nós estávamos a falar do rebelde — respondi. — Ele chegou a entrar no campo, não chegou?

— Sim, chegou. Mas está ferido. Levou três facadas na barriga. Logo, logo, resolvemos o problema.

— De resto, está tudo bem?

— Não podia estar melhor! Não estamos a matar os nossos inimigos? Apertei os lábios numa linha fina.

O silêncio voltava.

— Nós também viemos porque recebemos uma carta — Retomaram por fim, aproximando-se de mim. — Veio de uma tal detetive Joana. E do que estivemos a ler, do que conseguimos traduzir, parece que se trata de um relato pormenorizado de como terminou o mistério Monchmoore. Sabe do que se trata?

Eu lancei as mãos à carta, mas eles não a largaram com o intuito de a continuar a disputar cruelmente comigo.

— Parece que teve a coragem de voltar as costas às autoridades. — Houve um sorriso de troça. — Acha isso correto? Não acha que deveria ser obediente?

— Eu agradeço a carta — terminei, guardando-a no bolso depois de a soltarem.

— Também veio uma mulher — Terminaram, já virando as costas. — Ela chama-se Júlia. Ficou retida no porto, incapaz de dizer uma palavra em árabe. Sabe quem é a moça?

Após a minha resposta, os soldados saíram do consultório, ainda a troçar. Eu fiquei a olhar para as crianças, ainda aterrorizadas. Então, a Júlia tinha vindo atrás de mim para o Iêmen? Teria sido por amor? Pensativo, retirei a carta do bolso e fiquei a olhar para ela. O que queria também a detetive Joana com um relato pormenorizado de como terminou o caso Monchmoore? Será que a detetive Joana não tinha percebido que, dentre tudo, isso era o menos importante?





## Capítulo 2

**OS MONCHMOORE**, do que se sabia e do que se lia nos jornais e nos rodapés das notícias, tratavam-se de uma família que viera a ser muito conhecida nos arredores de Viseu. E tudo por culpa de uma união ocorrida por volta dos anos oitenta que rendera muitos cochichos. Uma estirpe ligada a mim pelo lado materno que, por coincidência, adorava teatro e tudo o que estivesse em unísono com a representação, a conspiração e a tragédia grega — nobre forma de catarse. Isto porque lhe havia um fogo, um fogo que quando despertado pelo cíbalo (diáfana personificação do orgulho) a impelia a degustar as óperas e os espetáculos aportados nos monumentos. Ato que não passara despercebido às classes mais descaracterizadas, as não tão conhecidas por se proibirem da pornografia dos excessos. Só que tamanha heroicidade não se resumia ao simples corolário de tão incomum esmero — contrastes de hematitas negros com borbotões de ouro e carmesins de sangue (as cores da roupa que costumavam vestir), mas toda uma cronografia e árvore genealógica de fundo pobre sobre os ombros, agora com uma mansão esquisita no sul da cidade — uma mansão de madeira muito velha que corajosamente resistira às estocadas do modernismo.

A senhorita Sara, irmã da minha falecida mãe Clara e, por isso, minha tia, não se dizia Monchmoore, embora tivesse herdado o dote dezoito anos atrás ao casar com um homem dez anos mais velho do que ela, Daniel Monchmoore. E tinha, do que recorde, uma postura simpática; um sorriso quase que conhecido pelo diabo, ou como muitos diziam, o Santo Graal da lascívia, a porta para o adultério.

Seja como for, eu estava em Setúbal quando recebi o convite para passar umas férias na mansão Monchmoore; uma carta que, por algum motivo, atrasou duas semanas. E de início, admito não ter dado muita importância. Eu tinha acabado de me demitir do hospital de São Bernardo, com o intuito de integrar a equipa de médicos sem fronteiras no Iêmen, e isso significava que todo o meu tempo era dedicado ao estudo do árabe

e dos costumes muçulmanos. Para piorar, eu nem me lembrava da última conversa com os Monchmoore, provavelmente tida uns dez anos atrás, antes da minha mãe partir para o outro mundo. Mas a tia Sara telefonou e insistiu; e eu, para evitar os ditos e os desditos, resolvi fazer o esforço.

Fiz as malas, dirigi-me a Lisboa, meti-me num autocarro velho e segui para o que seria uma pequena estação de cores combalidas lá no norte de Viseu. Ao chegar, agradei ao motorista, desci do autocarro e retirei as malas da bagageira. Então, esperei. Eram (talvez) umas dezasseis horas quando fui recebido por um par de criados um tanto parecidos, quase como se pertencessem à mesma família. Ele mais escuro, de tronco comprido e sobranceiras sem curva, pretas como o carvão, ao passo que ela, mais magra, de pouca carne nos braços e rosto um pouco encovado. Vinham, apesar de tudo, muito bem vestidos, com roupa preta.

— Ah, afinal, conseguiu dar com isto — disse o criado, apertando-me a mão com um sorriso. — Isso tranquiliza-nos. A mim e à senhorita Sara! Ela estava nervosa com isto da viagem...

— Mas nervosa mesmo — falou a criada, inclinando-se para ajudar com as malas, essa que recusei. — Era para lhe ligarmos, caso nos desencontrássemos. É uma cidade segura, mas nunca se sabe...

Eu olhei-os com alguma admiração, atento aos seus bons modos. Eles preparavam-se para se apresentar.

— Eu sou o Richard. O motorista da família.

— E eu, a Catherine. A que trata das lides da casa e das refeições. A senhorita Sara falou de nós?

Eu disse que sim.

Então saímos da estação e seguimos na direção de um *mercedes* dos anos noventa estacionado do outro lado da rua. Um carro preto, claramente confortável, com bancos de pele e vidros fumados, escuros como a noite.

— Vejo que o bom gosto continua na família — disse impressionado, indicando o carro. — Imagino que os Monchmoore ainda continuem na boca da imprensa...

— Só o costume — respondeu o criado. — Mas mais pelo senhor Daniel. Ele é um *cirurgião plástico* sem igual! Quase que aparece no jornal todas as semanas. Mas venha aqui. Venha aqui deste lado, se faz favor.

Aproximámo-nos do porta-bagagens. O criado abriu-o, e a criada ajudou-me a colocar as malas. Vi, no entanto, um pedaço de tecido branco num caixote ao canto.

— O que é? — perguntei, apontando.

— O vestido da menina Mafalda — respondeu o criado, abanando a cabeça. — Ela estava para casar com o menino Alexandre...

— E eles são?

— O menino Alexandre e a menina Mafalda! Não os conhece?

Sacudi a cabeça.

— Pois... — ponderou, fechando o porta-bagagens. — Para ser sincero, de momento, eu também não conheço muito bem a história. Importas-te de perguntar isso depois à senhorita Sara?

Entrámos no carro. A criada ocupou o lugar da frente, ao lado do condutor, e eu o lugar no banco de trás, longe de onde o sol aquecia. Ao observá-los percebi que discutiam qual a melhor forma de atravessar a cidade sem se embrenharem no trânsito. Para não os distrair, apoiei a cabeça no vidro e deixei os olhos perderem-se pelos prédios e pelas ruas quase desertas, mais tarde substituídas por prados preguiçosamente estendidos até aos pinhais.

Meia hora depois, como era de esperar, a mansão Monchmoore surgiu afogada na humidade do horizonte, à direita, ao fundo de um caminho de terra. Era uma construção impecável, de tamanho extraordinário e muitos arcos ogivados junto de colunas compactas, com o telhado escuro e as tábuas intervaladas por um renque de vãos côncavos. Impressionado, e cheio de memórias, ajeitei-me no banco e estreitei os olhos na direção do cómodo sobressaído à esquerda, onde ficava o *hall*. Ali havia uma porta com o dobro da altura do costume, um pedaço de madeira maciça que exigia esforço hercúleo para ser empurrado. E via-se debaixo dela um pedaço de sombra, um óvalo frio e majestoso — uma mancha que se esticava no nácar do terraço, no piso que escorria vertiginosamente para o trilho de pedrinhas ligado ao portão alto da entrada. Aquele que de mãos dadas com uma muralha de rosas estendidas por toda a circunferência da casa, mas ainda novas e vermelhas, protegia a relva e os corações-magoados dos tojos e do mato no lado de fora.

Mais perto de nós, a um quilómetro da mansão, uma casa que não recordava. Uma casa mais pequena, de cores caiadas e arquitetura menos complicada. Construída, muito provavelmente, nos últimos cinco anos.

— Quem são? — perguntei.

— Uns lisboetas pobres — respondeu a criada, encolhendo os ombros. — Um casal, diria...

— Mas mudaram-se?

— Há alguns anos. São os Moreira. Uma família esquisita, sabe?

Abandonámos a estrada para seguir pelo caminho de terra à direita que tanto seguia para a casa dos vizinhos como para a mansão. Eu comecei a tirar o cinto e a ficar agitado. Fazia tempo que não via os Monchmoore. Então parámos à entrada da mansão, à frente do portão. O criado abria-o com um comando. Assim, enquanto esperava, demorei-me a olhar a muralha de rosas. Ela continuava viva e forte como nos dias de outrora, completamente intransponível. Já do lado de dentro, evitámos calcar a relva com os pneus do carro e estacionámos debaixo da sombra de um anexo para arrumos.

Ao sairmos do carro, todavia, tive de sacudir o corpo com um arrepio. Estávamos mais perto da serra do que da cidade e, por isso, o ar era frio, próprio da altitude, enquanto o vento, cortante, era maligno o suficiente para atravessar o tecido da roupa e atingir-nos o corpo.

— E as malas? — perguntei, vendo o criado trancar o carro.

— As malas? — devolveu, contornando o veículo. — As malas são assunto para eu tratar depois. Agora, esperam-no nas traseiras... Não quer vir?

Segui os criados por cima da relva. Os Monchmoore estavam nas traseiras, em redor de uma mesa debaixo da sombra de um salgueiro, a jogar às cartas. Eram quatro. E Sara, a minha tia, estava sentada logo à frente, magnificamente bela, de semblante querido e um bocado de doçura nas covinhas das bochechas. Mais velha, apesar de tudo, com cerca de quarenta anos. Ainda assim, portadora de segredo inaudito que perpetrava os ditos e desditos nos arredores, a alcunha de anjo adquirida. Muito provavelmente, e aqui não exagero, a mulher mais bonita das redondezas, tal como a minha mãe.

— ...Só que a senhorita Mendes — confidenciou Sara para Ana, a mulher ao seu lado —, está muito velha. Vi-a no outro dia perto do mercado, em cima da bengala, mais amarela do que as tílias... Qualquer dia, vê-se a fotografia na porta da igreja...

— O que não me admira — concordou Ana, ajeitando os óculos no nariz. — Ela sempre bebeu um bocado. Isso de estar amarela até pode ser do fígado...

— Do fígado ou da vesícula caso haja obstrução do duto biliar. — Atravi-me a intervir. — Ela está acima do peso?

A isto, Sara, que antes protegia os olhos com a mão acima das

sobrancelhas, olhou para mim. Observámo-nos então com um sorriso muito querido enquanto o ar rarefeito nos comprimia os pulmões.

Sara, porém, à falta de resposta e à falta de atitude, levantou-se agitada e, com os olhos marejados, afastou as ramadas do chorão para se agarrar a mim.

— Miguel, querido — disse, apertando-me. — Como é que tu estás? Estás bem? Estás com fome? — Limpou as lágrimas. — Faz tempo que não nos vemos! Tinha tantas saudades!

Sara começou a pentear-me os cabelos. Eu, no entanto, fiquei sem conseguir reagir. Havia ali algo de esquisito. Um sentimento de saudade maternal que não podia explicar. Era a tia Sara. Mas só a tia Sara. Não era a minha mãe. E do que queria recordar, dos momentos e do calor da sua voz, só havia a fragrância, o cheiro a melão que vez por outra lhe encontrava no pescoço. Sobretudo no inverno, quando chovia e quando fazia frio, quando nos abraçávamos ao redor da lareira e a ouvia chamar-me de Fabiana, muito embora o meu nome fosse Miguel.

Sara, porém, já cansada da demora, começou a arrastar-me para junto dos outros. Assim, enquanto os criados desapareciam na passagem envidraçada à esquerda, para dentro de casa, eu sentei-me ao lado de Sara. Não obstante, mas ainda envergonhado, levantei os olhos e cumprimentei os restantes. Fui recebido, naturalmente, com um sorriso.

A senhorita Ana, antes ao lado de Sara, mas agora ao meu, olhava as cartas. Era uma mulher robusta, de formas mais ou menos redondas, com o cabelo amarelo, quase pelo fundo das costas, não estivesse amarrado num coque. Então, ri-me com o que Daniel Monchmoore, ao lado dela, à minha frente, fazia. Ele brincava com a barba enquanto se chegava para trás na cadeira e fazia batota ao olhar para as cartas de Ana. Era, de qualquer modo, um homem bonito, de muita simpatia e sorrisos queridos. Tinha os cabelos grisalhos, elegantemente penteados para trás, e os olhos castanhos, de escleras quase fundas. Quando cheguei ao Paulo, todavia, o último Monchmoore, senti um arrepio malévolo na espinha e vi-me obrigado a baixar os olhos. Ele parecia o retrato de tudo o que existe de errado. Os olhos eram-lhe fundos e a pele parecia-lhe horrivelmente sarapintada de cinzentos húmidos, quase como se tratasse de um defunto.

— Mais cedo — disse, tentando meter conversa, levantando os olhos —, percebi que falavam da senhorita Mendes. Era a senhorita Mendes que costumava estar nos jardins do Fontelo?

— A mesma — confirmou Ana. — Só que agora mais velha, claro, com artroses e mau feitio, afastada de Deus. Mas não a julgues. O exílio tem-lhe feito mal, compreendes?

— O exílio?

— Sim, o exílio. Ela foi abandonada pelo filho. Ele emigrou e não quis saber dela... O que vale é que o Pai nos céus observa tudo...

Pisquei levemente o olho, um pouco confuso com o proselitismo.

— E tu? — Olhou-me diretamente nos olhos. — Como é que tu estás? Eu e o Paulo já não te vemos desde os passeios no Fontelo. Ainda te lembras disso?

Sacudi a cabeça.

— Eras tu e os lápis de cera — sorriu —, tão pequenino e tão janota, sempre com a irmãzita ao colo... Ah, a Fabiana... Como a Fabiana era bonita! Ela agora é que deve estar uma mulheraça, não?

— *A Fabiana morreu.*

— A Fabiana o quê?

Os olhos levantaram-se. Ana olhou desconcertada para Sara e depois para mim. E não se ouviu um único silvo, apenas os cordões do chorão a serem arrastados pelo vento.

Nisto, o vidro da fachada ao lado abriu-se. Era a criada que vinha com cinco chávenas num tabuleiro. Ela aproximou-se e pousou o tabuleiro na mesa. Ao servir-nos, a manga subiu-lhe e vimo-la picada na dobra do braço.

— E bolo? — perguntou, recolhendo a bandeja. — Alguém quer bolo? Ontem, sobraram duas fatias, e não quero que se estrague...

Eu pedi uma fatia. Então afundei os lábios no líquido da chávena, ainda desconcertado com a pergunta de Ana.

Só no fim é que Sara, para quebrar o gelo, começou a falar de livros.

— Mas veio na caixa? — perguntou Paulo, agora alumiado pelo sol. Falava de um marcador de livros.

— Veio — respondeu Sara, apreciando o verniz das unhas. — Bem no fundo, perto de dois ovinhos de chocolate.

— O que não vale a pena, portanto...

— Pelo menos à primeira vista. É que é, apesar de tudo, um livro de Charles Dickens. E toda a gente sabe o que vale um livro de Charles Dickens...

Pousei a chávena quando vi a criada voltar com a fatia de bolo.

Sara e Paulo falavam de *Um Conto de Duas Cidades* — a história de um rapaz destinado a enfrentar a guilhotina durante a revolução francesa.

— Mas vamos mudar de assunto, sim? Estou mais do que farta de livros! Vocês não? — Então olhou para mim, pensativa. Eu trinqueei o bolo. Passado alguns segundos, tocou-me na perna e perguntou: — Tu ainda não viste a casa por dentro desde que foi remodelada, pois não?

Sacudi a cabeça, colocando a mão debaixo da fatia de bolo para não deixar cair as migalhas em cima da roupa.

— Então, anda. — Levantou-se. — Vou mostrar-te aquela que é a melhor casa de Portugal; uma autêntica mansão como nos filmes de *Hollywood*!

Eu terminei o bolo e o chá. Depois levantei-me, sacudi a roupa e segui Sara pelas fachadas de vidro. Nós acabávamos de entrar na sala de jantar. E, continuando a segui-la, passámos por um corredor estreito e entrámos no segundo saguão da casa, o principal. Era dali que tínhamos acesso a todos os outros compartimentos, o que incluía a escadaria para o primeiro andar. Acesso ao escritório, ao quarto reservado a visitas, ao quarto reservado para mim, ao corredor que terminava na cozinha caso saísse para a direita, mas no *hall* caso para a esquerda, e ao quarto de banho. Já quando subimos ao primeiro andar, Sara apresentou-me os nove compartimentos existentes. E do que vi, para resumir, eram oito os quartos, quatro de cada lado, separados apenas por um corredor central, e um quarto de banho, colocado entre os quartos mais pequenos, imediatamente nas costas da escadaria. Os primeiros quatro, dois de cada lado, ocupados pelos Monchmoore e os criados, enquanto os últimos quatro, pelo que percebi, de momento, totalmente desocupados.

Terminada a visita, voltámos ao saguão principal e Sara explicou-me como funcionaria o pequeno-almoço, o almoço e o jantar. Pelo que parece, havia horários a cumprir.

— Alguma dúvida?

— Não de momento — respondi, pensativo.

— Qualquer coisa também podes falar com o criado, ou com a criada. O criado, pelo menos, é um querido.

— Eles pareceram simpáticos — concordei.

— E agora? — perguntou. — Vamos voltar para junto dos outros?

— Talvez não — respondi. — Estou a precisar de dormir. A cabeça está a doer-me.

— E o jantar?

Eu tirei o telemóvel do bolso. Eram dezoito horas. Não tinha muito tempo para descansar.

— Eu só vou passar pelas brasas — garanti. — Depois eu volto.

E assim, entrei no quarto e deitei-me na cama.

A partir daqui o que tinha para dar errado, começa a dar errado.  
Mas errado mesmo.